

AS IRMÃS MIRABAL: LITERATURA E MEMÓRIA

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani¹ (UCS)

...

Resumo:

A literatura de autoria feminina produzida na América Latina estabelece relações significativas com a história, na medida em que questiona a própria escritura da história, vista como produto de uma cultura hegemônica e androcêntrica. Não se trata de incluir o elemento feminino na história já escrita, mas de repensá-la a partir da perspectiva da mulher. Dessa maneira, pretende-se estudar a representação da mulher durante a ditadura, fenômeno que assolou boa parte do continente, durante o século XX, através do livro No tempo das borboletas, de Júlia Alvarez. Nessa obra a ditadura de Trujillo é examinada do ponto de vista de suas vítimas mais célebres, as irmãs Mirabal, através da literatura, uma imagem muito significativa da América Latina.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina, história, ditadura, memória.

Todos estão ou estamos angustiados ou militantemente estimulados a contar passados silenciados, postergados, ou, no melhor dos casos, todos estão ou estamos angustiados ou estimulados pela necessidade de proceder à revisão da memória ou das memórias – individuais e coletivas – herdadas para poder dar conta daquilo que não desejamos que seja esquecido.

H. Achugar

Introdução

A escritura feminina contemporânea produzida na América Latina tem na história um tema recorrente, especialmente, na medida em que propõe o questionamento do texto histórico, entendido como produto de uma cultura hegemônica e androcêntrica. Nesse sentido, a memória desempenha um papel muito significativo enquanto resgate de uma visão a partir das margens. Pretende-se, neste estudo, examinar a representação da ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, na República Dominicana, através da obra *No tempo das borboletas*, do ponto de vista de suas vítimas mais célebres, as irmãs Mirabal. A obra foi escrita em 1994, com o título original *In the time of the butterflies*, uma vez que a autora reside, desde os 10 anos de idade, nos Estados Unidos, pois sua família teve de sair às pressas do país, devido à perseguição política.

As Mariposas: entre a lenda e a história

O romance está baseado em fatos históricos e incorpora aspectos da biografia da autora. No início da obra, uma jornalista dominicana residente nos Estados Unidos solicita uma entrevista a Dedé, a irmã Mirabal sobrevivente, oportunidade em que pede desculpas pela precariedade de seu espanhol. A situação de Julia Alvarez aproxima-se a da personagem: é uma escritora que mora, desde criança, nos Estados Unidos, cujo manejo da língua espanhola cedeu passo ao inglês, o que originou inúmeros conflitos familiares, pois, enquanto seus pais desejavam a manutenção do idioma e dos costumes do país de origem, ela se encontrava imersa em outra cultura, tendo que superar inúmeras dificuldades, inclusive, com a língua inglesa. (ALVAREZ, 2008). Essa duplicidade de influências confere à obra da autora um caráter híbrido, materializado através de uma matriz estrangeira, que utiliza, inclusive, outro código lingüístico. A autora recupera, ficcionalmente, eventos que ocorreram quando era criança em seu país natal, procurando resgatar o próprio espírito de época do trujillismo, na apresentação de aspectos de uma sociedade aterrorizada com as arbitrariedades que ocorriam. Esse aspecto está bem presente no início da narrativa, quando a

jornalista marca o encontro com Dedé. As diferenças culturais evidenciam-se nas dificuldades com o idioma espanhol, sua primeira língua e hoje quase esquecido; nas formas de lidar com a localização espacial, não mais centrada em nome da rua e número de prédio, uma vez que o povo do interior orienta-se por indicações como árvores grandes ou outros elementos naturais; e também na indeterminação da temporalidade, visto que o horário obedece a outros parâmetros, ocorrendo a contagem em lapsos mais estendidos que horas ou minutos. Além disso, o fato de ser dominicana, morar nos Estados Unidos e escrever em inglês tipifica um caso de transculturação, no sentido que lhe atribui Mignolo (2003, p. 301) de contaminação do local da enunciação. Imersa em outra cultura, a visão da autora, ao tentar representar a realidade de seu país natal, sofre uma refração, um deslocamento em relação a uma perspectiva autenticamente dominicana. Essa percepção configura um *tertius* em que a visão do mundo não é a do centro e tampouco a da periferia, mas uma visão que incorpora ambas as situações. É o caso da escrita diaspórica realizada pelo escritor que está expatriado, mas que escreve sobre sua pátria, valendo-se, para tanto, da memória.

Alvarez, cidadã dominicano-norte-americana, ainda que seja professora universitária e escritora bem sucedida no país adotivo, traz consigo as marcas da ditadura de Trujillo e a necessidade de exorcizar esse pesadelo. Uma forma de esconjurar o “trujillato” é através do resgate de uma das páginas mais sangrentas do período: o assassinato das irmãs Mirabal, que se tornaram símbolo da luta contra a ditadura que assolou a República Dominicana por quase trinta anos. Nesse contexto, a memória adquire um significado relevante, visto que é através dela que os fatos passados são recuperados, preservados e projetados no futuro para serem revisitados pelas novas gerações.

A República Dominicana é um país do Caribe que divide a ilha Hispaniola com o Haiti. Sua história foi muito conturbada, alternando autonomia e dependência, ou seja, tornou-se independente, foi invadido, perdeu a independência para depois tornar-se independente novamente, além de passar por diversos períodos de ditadura. Provavelmente, a fase mais sombria de sua história tenha sido entre 1930 e 1961, quando Rafael Leónidas Trujillo, “El Jefe”, governou o país, protagonizando, numa época e num espaço pródigos em regimes de exceção, uma das ditaduras mais ferozes e perversas do continente latino-americano.

É nesse cenário que Julia Alvarez ambienta seu romance, no qual conta a história das Mariposas, como eram conhecidas as irmãs Mirabal, fundadoras do Movimento 14 de Junho, o qual protagonizou ações subversivas, objetivando a derrubada do ditador. Nesse período conturbado, destaca-se a figura do ditador Rafael Leónidas Trujillo, cujo fascínio dominava todos que dele se aproximassem. Como bem descreve Vargas Llosa, na obra *A festa do bode*, (2000), o ditador tinha um aspecto dominador, seu olhar conseguia submeter quem dele se aproximasse; estava sempre impecavelmente vestido, com ternos muito alinhados, já que não suava jamais, embora vivesse num país tropical, exigindo que seus subordinados se apresentassem da mesma forma. Essa sedução era exercida tanto sobre homens, os quais não conseguiam sustentar seu olhar, quanto sobre mulheres, materializando-se na profusão de suas conquistas amorosas. Na realidade, o ditador tornou-se, muito mais que um título, o verdadeiro “Pai da Pátria”, a quem todos deviam obediência e submissão.

Para Fernando Holguín (2008), essa época produziu um profundo trauma histórico nos dominicanos devido ao terror, aos assassinatos e à tortura protagonizados pelo Serviço de Inteligência Militar (SIM). O autor considera a ditadura trujillista um tema masculino, revestido de um caráter épico; já Alvarez desconstrói essa perspectiva, ao perseguir outra linha narrativa, substituindo esse traço masculino por uma genealogia feminina, através da qual procura dar voz às mulheres, personagens históricas. As figuras femininas, na época, foram duplamente oprimidas, por serem mulheres sob o jugo do patriarcado latino-americano, que se revestia de características machistas peculiares, e por sofrerem as consequências da ditadura, como qualquer indivíduo. A complexidade do tema ditadura trujillista associa-se a uma dificuldade adicional na abordagem das

irmãs Mirabal. A sua origem, posterior atividade política seguida do assassinato foram aspectos que redimensionaram a sua humanidade, transformando-as em mito. Através de sua narrativa, Alvarez tenta capturar a dimensão humana de Minerva, Pátria, Maria Teresa e Dedé.

O romance é narrado a partir do ponto de vista de Dedé, a irmã sobrevivente, repositório da memória familiar e política que possibilita a reconstituição da história. Pátria, Minerva, Dedé e Maria Teresa foram criadas numa família dominicana tradicional, as quais passaram, depois de certo tempo, a fazer oposição ao regime de Trujillo, tendo sido perseguidas, presas e, por fim, assassinadas. Destacam-se como personagens masculinas o ditador Trujillo e o pai das Mirabal, don Enrique, representantes maiores do patriarcado. Don Enrique personifica o macho latino-americano, pois, além da família oficial, composta por esposa e quatro filhas, também possui outra, com o mesmo número de filhas mulheres, talvez uma malograda tentativa de, nessa família paralela, ter um filho homem, derradeiro esforço para viabilizar a manutenção da linhagem pelo lado masculino, a fim de inscrever seu nome na posteridade. Como chefe da família, exigia obediência e respeito irrestritos, dependendo de sua vontade qualquer atividade. A afirmação dessa masculinidade excessiva encontra seu duplo na realização da ditadura. Já Trujillo, cognominado de “Benfeitor da Pátria”, e mais uma série de títulos do mesmo teor, constitui o patriarca-mor, já que seu retrato está entronizado em todos os lares, precedido da inscrição “Deus e Trujillo”. A dominação do ditador também é exercida, entre outros aspectos, através de uma sexualidade exacerbada, o que lhe valeu o cognome de “Chivo” (Bode), como exposto na obra de Llosa (2000).

A narrativa privilegia o ponto de vista das personagens femininas, que se desdobra na palavra das diferentes irmãs. O romance é organizado em vários planos narrativos, alternando narração em primeira e terceira pessoa. Nas primeiras páginas, o foco se concentra em Dedé, através de um narrador onisciente, o qual relata o encontro com a jornalista ao mesmo tempo em que situa o que poderia ser considerado o início da história das Mirabal: a família está no jardim, sob uma grande árvore, à noite, e, na conversação que se desenvolve já se evidenciam traços importantes que vão compor a personalidade das irmãs. É através da memória que Dedé recupera o tempo passado: “Dedé hesita, mas sua mente já está correndo para trás, ano a ano, até o momento que ela fixou na memória como sendo zero. Ela recorda uma noite clara de luar, antes de o futuro começar”¹. A memória da irmã sobrevivente possibilita a reconstituição de uma modalidade de história subterrânea das quatro irmãs, desvinculada da tradição popular que as converteu em lenda, e da história oficial que as transformou em heroínas nacionais.

À medida que as irmãs são identificadas, através da nomeação do capítulo, cada uma delas se apropria do discurso, dando a conhecer tanto a sua história pessoal, que vai sendo tecida juntamente com a das irmãs, quanto de sua versão dos acontecimentos ocorridos entre a infância e o assassinato.

Após a apresentação de Dedé, a história das irmãs inicia com a palavra de Minerva, contando sua ida, junto com as irmãs, para o colégio interno. Lá conhece Sinita e torna-se sua amiga, uma menina que estava de luto pela morte do irmão, assassinado pelos esbirros do governo, como já ocorrera com o pai e os tios. Sinita era a detentora do “segredo de Trujillo”, que promete compartilhar com Minerva. Na família de Minerva, como em todas as outras, o retrato do ditador está pendurado na parede, constituindo algo distante, espécie de divindade protetora, evocando os “deuses lares”, uma vez que divide o espaço de culto familiar com a Sagrada Família e a Virgencita de Altigracia. Ao revelar o segredo, as palavras de Sinita produzem profunda consternação. A menina conta para Minerva a maneira covarde como Trujillo tornou-se presidente e como havia assassinado os membros da sua família e todos os que se opunham a ele. A revelação cala

¹ A referência pertence à obra ALVAREZ, J. *No tempo das borboletas*. Trad. Léa Viveiro de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, p. 17. Como as demais referências pertencem à mesma edição, serão indicadas pelo número da página.

profundamente no espírito de Minerva, impedindo-a de dormir. Ao levantar da cama, percebe que havia menstruado pela primeira vez.

A menarca é um evento muito significativo na vida das mulheres, significa que a infância chegou a seu final, e a idade adulta está iniciando, com a possibilidade de inserir-se na corrente da vida, através da perpetuação da espécie. É altamente simbólica a ocorrência desse fato ao mesmo tempo em que Minerva toma conhecimento das atrocidades da ditadura sob a qual estavam vivendo. Esses dois acontecimentos simultâneos evocam o rito de passagem da imaturidade para a maturidade com a conseqüente perda da inocência, resultado da transição da ignorância para o conhecimento. A relação entre um ato de conhecimento e a conseqüência desse ato sobre o corpo, no caso, o corpo de Minerva, possibilita compreender que a ditadura pode produzir outros efeitos sobre os corpos, além de tortura e assassinato. Assim, se a nação for considerada um corpo, a ditadura pode ser entendida como a violação desse corpo. Provavelmente está aí o germe da atividade política que será desenvolvida por Minerva posteriormente.

Muito embora o “segredo de Trujillo” revelado por Sinita tenha produzido um efeito devastador em Minerva, a jovem não teve condições de avaliar adequadamente do que se tratava, devido a seu não-conhecimento prévio. Na mesma época, uma colega de escola chamada Lina Lovatón torna-se objeto de desejo do Generalíssimo, que passou a visitá-la nas dependências do colégio, embora isso fosse terminantemente proibido. A relação entre eles tinha conotação algo incestuosa, devido à diferença de idade e à modalidade como ocorriam os encontros. De acordo com Lina,

... a visita geralmente começava com Trujillo recitando algum poema para ela, depois dizendo que ele continha uma surpresa escondida para ela achar [...] Mas do que ele mais gostava era que ela brincasse com as medalhas que ele tinha no peito, tirando-as e tornando a prendê-las. (p. 31)

As medalhas eram muito prezadas pelo ditador. A brincadeira de Lina retoma um episódio da infância de Trujillo, que lhe valeu o apelido de Chapita. Quando criança, ele gostava de pendurar tampinhas de garrafas na roupa, fazendo de conta que eram medalhas. Embora Lina fosse uma moça lindíssima, justificando-se o interesse de Trujillo, apresenta o mesmo interesse infantil, transformando em brinquedo o símbolo de poder representado pelas medalhas.

Lina Lovatón tornou-se amante de Trujillo e foi instalada em Miami depois que a esposa do ditador descobriu que a jovem estava grávida. O ditador cooptou as freiras com a doação de tecidos e materiais para o colégio, além de recursos para a construção de uma nova ala que foi denominada Ginásio Lina Lovatón.

O modelo patriarcal da família Mirabal assoma em diferentes oportunidades. A época é 1938, antevéspera da Segunda Guerra, período em que os movimentos feministas ainda se preocupavam em legitimar o sufrágio feminino, em que as mulheres detinham pouco ou nenhum espaço na área pública, quer seguindo uma profissão diferente do magistério ou ocupando algum cargo proeminente. Por esse motivo, não deixa de causar estranhamento, quando as meninas são mandadas para o colégio interno, como refere Minerva:

Não sei quem foi que convenceu papai a nos mandar para o colégio interno. Deve ter sido o mesmo anjo que anunciou a Maria que ela estava grávida de Deus e conseguiu que ela ficasse contente com isso.

Nós quatro tínhamos que pedir permissão para tudo: passear nos campos para ver o tabaco crescendo; ir até a lagoa mergulhar os pés na água em um dia quente... (p. 21)

Mesmo depois de adulta, Minerva permanece sob a tutela de Don Enrique Mirabal, que a impede de seguir sua vida, tanto negando a licença para que ela inicie seus estudos na Universidade, quanto interceptando as cartas a ela dirigidas. As cartas eram de um amigo refugiado político que ia

se exilar e propunha a Minerva que o acompanhasse. Enquanto impede a filha de seguir seu caminho, don Enrique mantém uma família paralela, evidenciando a diferença de tratamento em relação ao gênero: enquanto aos homens tudo é permitido, exigindo obediência, respeito e não devendo satisfação a ninguém, as mulheres necessitam pedir licença para realização de qualquer atividade que não esteja estritamente ligada ao domínio doméstico.

A mãe de Minerva, até certo ponto, mantém as diretrizes do marido, confirmando o estereótipo da mãe reprodutora da ideologia patriarcal: quando Minerva diz que gostaria de ir à Universidade e cursar Direito, a mãe observa: “Ay, *Dios mio*, poupe-me [...]. Era só do que precisávamos, um advogado de saias.” (p. 19). No entanto, quando descobre a segunda família do marido, recusa-se a continuar dividindo o quarto com ele, considerando todos os homens – ianques, dominicanos, seu marido – uns canalhas.

A orientação materna vai de encontro às expectativas de Minerva, bem presentes desde o início de sua trajetória. Quando tem em torno de 12 anos, compara sua vida a dos coelhos engaiolados. Sua ânsia de liberdade impele-a a abrir a gaiola de uma coelha e empurrá-la para fora, no entanto, o animal não deseja sair do lugar com o qual está acostumado, o que a desaponta. A situação das mulheres de mais idade, no caso a mãe de Minerva, é semelhante a da coelha, a ignorância sobre o mundo fora da gaiola do lar impede-as de agir no sentido de modificar a sua vida, porém, a sua percepção do mundo já é suficiente para que tentem mudar a vida das filhas, daí o interesse da senhora Mirabal para que as meninas estudem e seu empenho para convencer o marido da necessidade que elas recebem uma boa educação, nem que fosse “para combinar com nosso dinheiro”. (p. 22).

Ir para o colégio, conhecer um novo modo de vida, outras pessoas, saber o que está ocorrendo no país, através das revelações de Sinita e do incidente com Lina Lovatón, equivale a um mergulho na profundidade de seu eu interior, à trajetória em direção à própria consciência, cujo resultado é a percepção de que o fim do caminho não significa libertação, mas a compreensão de que “tinha saído de uma gaiola pequena e entrado em uma maior, do tamanho do país”. (p. 23). Na medida em que os anos avançam, e a percepção se refina, maior se torna o conhecimento e a compreensão do que está ocorrendo na República Dominicana: prisões, torturas, assassinatos indiscriminados, o que vai determinar o ingresso das Mariposas – como eram conhecidas as irmãs Mirabal – num movimento clandestino que visa à derrubada daquele regime.

Os problemas dos Mirabal com a ditadura tornam-se relevantes quando a família é convidada para o baile do descobrimento – 12 de outubro – com a recomendação expressa de que a srta. Minerva Mirabal não deixe de comparecer. O desconforto da família é imenso, uma vez que o interesse de “El Jefe” por mulheres é sempre indicador de problemas. No baile, Trujillo mostra-se extremamente inconveniente ao dançar com Minerva que o esbofeteia em público. Essa cena histórica é ficcionalizada por Alvarez. Para piorar a situação, ela esquece sobre a mesa sua bolsa de festa, com cartas de seu amigo Lío, que está no exílio, as quais servirão de argumento para a detenção de Minerva. O ditador pretende resolver os contratempos com a família Mirabal por meio de uma entrevista privada em sua suíte particular num hotel da cidade; como a moça não aceita, ela e a mãe permanecem detidas num hotel por três semanas. O apelo à sexualidade é determinante nas ações de Trujillo o qual não admite ser contrariado, no entanto, Minerva, além de política militante, é muito corajosa, pois enfrenta o tirano, negando-lhe seu corpo. Invocando sua honra, Minerva recusa-se a ser tratada como objeto, alicerçando-se essa negativa numa consciência de gênero que assoma em vários trechos da narrativa, considerando que o tempo em que ocorrem esses incidentes situa-se entre as décadas 40 e 60 do século XX. No início do romance, ao enfatizar seu desejo de ir para a Universidade, chama a atenção para a necessidade de as mulheres terem educação formal, a fim de desenvolverem suas potencialidades e, a partir daí, terem autonomia, serem capazes de resolver a contento os problemas próprios e familiares, terem condições de ampliar sua participação tanto na vida social como no governo do país. É nessa crença que providencia a matrícula na escola

das filhas da outra família de seu pai. Por ironia, a filha mais velha dessa família paralela, formada em Farmácia, devido ao interesse de Minerva, será o elo de comunicação entre as irmãs que estão no cativeiro e o mundo exterior.

Devido a motivos políticos, Minerva e Mate (María Teresa) são conduzidas à prisão feminina com outras mulheres. É através do diário de Mate, escrito num caderno contrabandeado para dentro do presídio, que o cotidiano das prisioneiras é revelado, evidenciando-se, nesse ambiente hostil, a solidariedade que se desenvolve entre as mulheres. Elas organizam uma rotina de atividades com a finalidade de preservar a sanidade mental, ao mesmo tempo em que instalam um sistema de comunicação com outras celas, possibilitando a atualização das notícias. Por meio da escrita de Mate, é denunciado à OEA o tratamento a que as prisioneiras são submetidas, contribuindo para que elas saiam da prisão.

Durante o período em que as irmãs estão presas, Minerva procura disseminar entre as companheiras uma profunda consciência de gênero e de classe. Quando o governo oferece perdão para ela e para Mate, recusa, pois, de acordo com seus princípios, o indulto deveria ser estendido às outras prisioneiras políticas também.

Tanto dentro como fora da prisão, as mulheres elaboram estratégias para burlar o sistema. Na prisão, recebem ajuda de um carcereiro que chamam de Santiclós (Santa Claus – Papai Noel), o qual lhes entrega remédios, comida e roupas enviados pela família. Em casa, sob o retrato de *El Jefe*, Pátria coloca um vaso de flores sempre novas sobre uma toalha branca e reza para ele todos os dias, uma vez que a casa está rodeada de espiões e há escutas nos aposentos. Por esse motivo, há muito cuidado em relação às conversas. As orações verdadeiras de Pátria são rezadas em seu quarto.

Embora a figura do ditador não tenha diretamente grande destaque na narrativa, o aparato do poder exercido através dos órgãos de repressão, especialmente do SIM ganha inusitada relevância ao se abater sobre a família. Prisão, perda das propriedades, vigilância constante compõem o cenário que vai culminar com o assassinato das irmãs. Como a família fosse perseguida pelo regime, vizinhos e amigos afastam-se, com medo de tornarem-se alvos da repressão, o que aumenta o desamparo dos Mirabal. As consequências do período que passam na prisão são devastadoras. Minerva, por ter se tornado a líder do grupo e afrontar os carcereiros, seguidamente, cumpre pena na solitária, cujas condições insalubres acabam por torná-la tuberculosa. A irmã Mate, no início da gravidez, é torturada com choques elétricos, na presença do marido, também prisioneiro, a fim de que ele forneça informações exigidas pelos algozes, tratamento esse que resulta em aborto.

No epílogo, Dedé se apropria da palavra e, através da narração em primeira pessoa, reitera seu papel de guardiã da memória histórica. Ela organiza as pequenas histórias de todos aqueles que a procuram com seu retalho de conhecimento, com sua parcela de testemunho, reconstituindo as últimas horas das Borboletas. Dedé é testemunha não só da história épica das Mirabal, revolucionárias que tentaram modificar o seu país, celebradas em monumentos, como também das pequenas histórias do cotidiano das irmãs, ignoradas nos tratados de história oficial.

Conclusão

Como depositária da memória das irmãs, Dedé torna-se a narradora-testemunha da saga das Mirabal, ao mesmo tempo, o fato de ter sobrevivido implica uma relação estranha com seu próprio mundo. No plano físico, o seio retirado, devido à excessiva multiplicação das células, é associado por Dedé à ditadura, uma vez que esta também produz idêntica propagação de irracionalidade dos indivíduos. Já no plano imaterial, as irmãs adquirem uma dimensão fantasmagórica, habitando a velha casa que Dedé se recusa a deixar.

O fato de Dedé ter sobrevivido estabelece uma profunda diferença em relação às outras, o que pode ser entendido tanto como excesso – a que permaneceu viva –, quanto como falta – a que não

morreu. Holguín (2008) interpreta a ablação do seio de Dedé como um símbolo da ausência das irmãs, visto que, ao sobreviver, ela sofre a amputação das irmãs. Entretanto, a sobrevivência cobra seu tributo, tendo em vista que a repetição da história das irmãs mantém-se como uma ferida dolorosa, parte de um ritual que ela enfrenta periodicamente, no entanto, isso é vital para manter viva na memória coletiva o que foi, para elas, uma tragédia particular, metaforizada na ausência do seio, reiterando seu “compromisso de lealdade [...] com tudo o que não existe mais”. (p. 312).

Dedé (p. 312) se autodefine como aquela que falta, no entanto essa ausência é condição imprescindível para a materialização da história.

E vejo todos eles lá na minha lembrança, imóveis como estátuas, mamãe e papai, Minerva, Mate e Pátria, e fico pensando que está faltando alguma coisa. E conto todos eles duas vezes antes de me dar conta de que sou eu, Dedé, a que sobreviveu para contar a história.

Referências Bibliográficas

- [1] ALVAREZ, Julia. *No tempo das borboletas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- [2] _____. Disponível em: <http://alvarezjulia.com/> Acesso em 08 abr. 2008.
- [3] HOLQUIN, Fernando V. *El Trujillato como trauma histórico/trama literária*. Disponível em <http://www.latinarmuseum.com.juliaalvarez2.htm/> Acesso em 08 de abril de 2008.
- [4] LLOSA, Mario Vargas. *A festa do bode*. São Paulo: Mandarim, 2000.
- [5] MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- [6] Referências conforme ABNT
- ...

Autor(es)

¹ **Cecil Jeanine Albert ZINANI, Profa. Dra.**

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Departamento de Letras

E-mail: cezinani@terra.com.br